

# Muros-apiários da bacia do médio Tejo (regiões de Castelo Branco e Cáceres)

Francisco Henriques • João Carlos Caninas  
Fernando Branco Correia • Cassilda Santos • José Joaquim Gardete



Edições Colibri

ابن مروان  
IBN MARUAN  
Revista Cultural do Concelho de Marvão

# Muros-apiários da bacia do médio Tejo (regiões de Castelo Branco e Cáceres)<sup>1</sup>

Francisco Henriques<sup>2</sup>, João Carlos Caninas<sup>3</sup>, Fernando Branco Correia<sup>4</sup>,  
Cassilda Santos<sup>5</sup> e José Joaquim Gardete<sup>6</sup>

## INTRODUÇÃO

1. Desde talvez a Idade Média, foram construídas, em várias regiões da Península Ibérica, estruturas para proteger os colmeais da acção predadora dos mamíferos e, em particular, dos ursos. Estas construções são constituídas por muros de pedra, definindo recintos fechados (**Figura 1**), que chegam a atingir vários metros de altura e apresentam, muitas vezes, remates avançados para o exterior para impedir o acesso ao seu interior. Implantam-se, em geral, no fundo dos vales, voltados a Sul e sobre a confluência de duas linhas de água.

Na sequência de pesquisas documentais e de contactos pessoais<sup>7</sup> foi possível reconhecer que os muros-apiários se encontram representados em diversas áreas da Península Ibérica, desde o Noroeste até à Andaluzia. Existem construções deste tipo, entre outros locais, na alta montanha lucense (Léon / Astúrias), no Vale do Rio Camba, na Serra do Candán (Pontevedra), em Vilariño de Corso (Ourense) e na Serra de Ancares, no que concerne à Galiza, em Las Hurdes (Extremadura), em Alcantara e na Sierra de Santo Domingo (Província de Cáceres) e também na Andaluzia (Córdova). Em Portugal, foi possível reconhecer a existência de estruturas deste tipo no Minho (Gerês), em Montezinho, Torre de Moncorvo e Vila Flor, na região de Trás-os-Montes, no Côa, provavelmente na Serra dos Candeeiros, no

<sup>1</sup> Texto publicado na revista Ibn Maruán, nº 9/10, 1999-2000, da Câmara Municipal de Marvão, p. 329-363. Editado em separata com o apoio da Câmara Municipal de Castelo Branco e do Parque Natural do Tejo Internacional. Em relação à versão original, alterou-se a posição das notas de fim de texto que passaram a rodapé e colocaram-se as fotografias no Anexo.

<sup>2</sup> Arqueólogo, coordenador do Projecto Muros-apiários da Península Ibérica, da Associação de Estudos do Alto Tejo.

<sup>3</sup> Arqueólogo, coordenador do Projecto ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português, da Associação de Estudos do Alto Tejo.

<sup>4</sup> Arqueólogo, coordenador do projecto AÇAFA - Arqueologia Medieval da Envolvente das Portas de Ródão, da Associação de Estudos do Alto Tejo, docente da Universidade de Évora.

<sup>5</sup> Arqueóloga, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

<sup>6</sup> Técnico florestal, Direcção-Geral das Florestas.

<sup>7</sup> Agradecemos as informações e sugestões que nos foram gentilmente prestadas por: Dr. Pedro Alonso e Dr. Alberto Gil, de Ecoloxistas en Acción de Galiza, Dr. Antonio González Cordero, arqueólogo, Dr. Jesús Angel Díez Vázquez, da Junta de Castilla y León, Dr. Roberto Hartasánchez, de FAPAS/Astúrias, Dr. Ernesto Díaz, da Fundación Oso Pardo, Bibliotecárias da Direcção-Geral das Florestas (Lisboa), Sr. João Barata, de Rosmaninhal, Sr. António Manuel Gardete, apicultor, Eng<sup>a</sup> Manuela Branco, do Instituto Superior de Agronomia, Prof. Francisco Sande Lemos, da Universidade do Minho, Eng. Luís Carloto Marques, da Associação dos Apicultores do Distrito de Portalegre, Dr. Benjamim Pereira, etnólogo, Dr. Carlos Ramos, arqueólogo, Dr. Nelson Rebanda, do Projecto Arqueológico da Região de Moncorvo, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria de Jesus Sanches, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Eng<sup>o</sup> José Sousa Veloso, Sr. José Louro Vicente, da Associação dos Apicultores do Distrito de Portalegre, Comandante José Augusto Cruz, bombeiro, Dr. Fernando Real e Dr. António Faustino de Carvalho, do Instituto Português de Arqueologia, Dr<sup>a</sup> Alexandra Lima, da Associação Profissional de Arqueólogos, Dr. Armando Redentor, do Parque Natural de Montezinho e Sr. João Dias Caninas, apicultor.

distrito de Castelo Branco, no distrito de Portalegre, nomeadamente no concelho de Nisa e na Serra de São Mamede e, finalmente, na área de Alqueva (bacia do Guadiana), onde já foi observado um muro construído em taipa<sup>8</sup>.

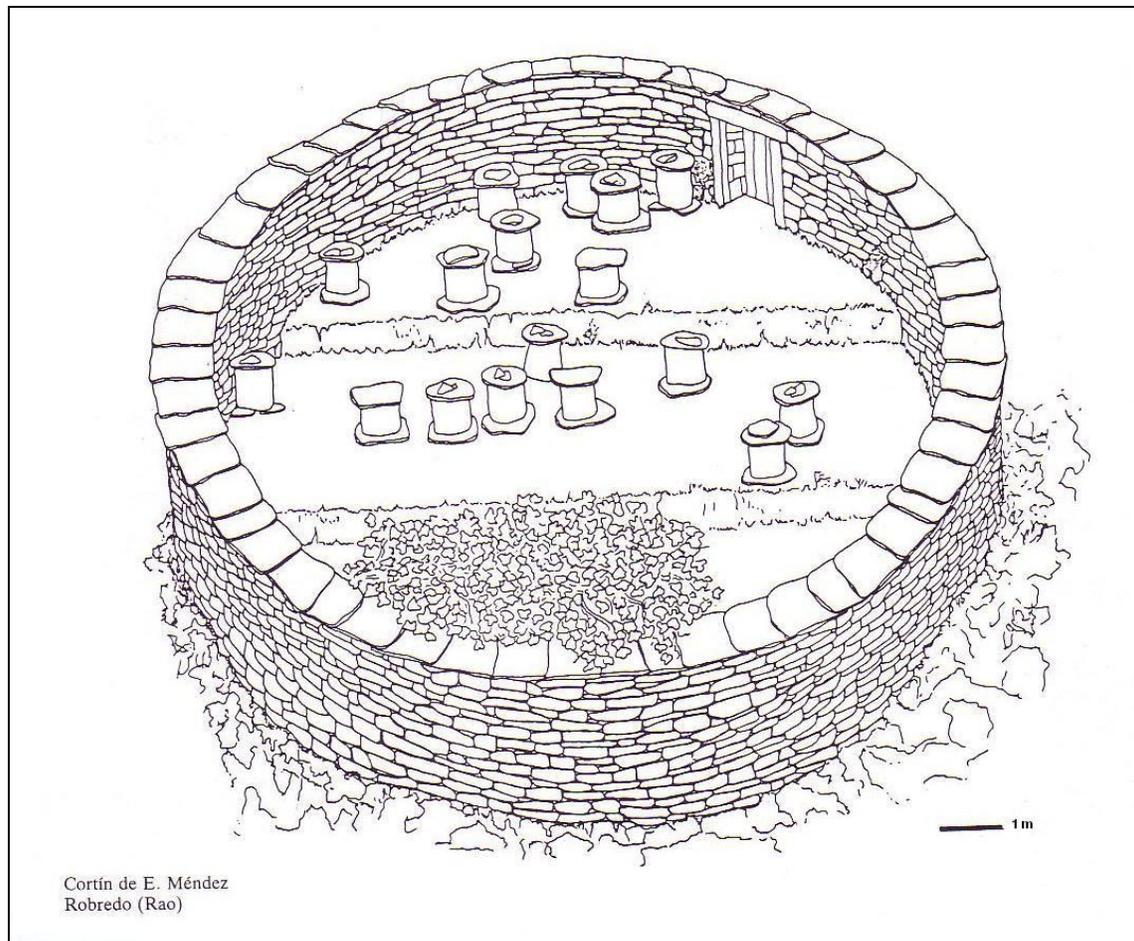


Fig. 1. Desenho ilustrativo da estrutura de um muro-apiário, o cortín de E. Méndez, (Robredo, Rao, Galiza), extraído de GONZÁLEZ, 1998.

Em Portugal, estas construções são raramente referidas em manuais ou revistas de apicultura<sup>9</sup> e estão, aparentemente, ausentes em estudos de cariz etnográfico e patrimonial. Entre as raras referências a muros, que foi possível identificar, devem referir-se dois artigos respeitantes a construções situadas na bacia do Tejo (distritos de Castelo Branco e Portalegre) e no Alto Minho, publicadas respectivamente por Vasco Paixão (PAIXÃO, 1975) e Paulo Dias (DIAS, 1993).

<sup>8</sup> Apesar de, para o território do Alentejo, ainda muito estar por fazer, desde já se indica que se têm detectado construções deste tipo, geralmente conhecidas como "colmeais". É de citar o caso de um colmeal que irá ficar afectado pela barragem do Alqueva, localizado na zona da ribeira do Azevel, perto de Monsaraz, colmeal esse que tem a particularidade de ser construído em taipa. Esta técnica construtiva não só se utilizou nos muros da cerca protectora dos cortiços, como na própria casa de apoio. Pela boa conservação que evidencia, trata-se de um conjunto de que se deve fazer, pelo menos, um levantamento pormenorizado.

<sup>9</sup> A revista *O Apicultor*, nº 21, Jul/Set. 98, p. 33, publica uma foto relativa a uma "cilha com apiário da região de Nisa". Trata-se de um dos dois muros-apiários, de planta rectangular, situados junto ao IP 2 na área de Monte Claro.

O primeiro daqueles autores também consagra este tipo de estruturas no seu manual de apicultura (PAIXÃO, 1974). Noutro manual (ALMEIDA, 1943: 139-140) refere-se que "*nas charnecas do Sul encontravam-se grandes malhadas com muitas centenas de cortiços, que davam milhares de litros de mel. No Minho e Trás-os-Montes eram vulgares as silhas, isto é, espécie de malhadas rodeadas de altos muros, que protegiam os cortiços dos ventos e dos ratoneiros. Muitas destas silhas abrigavam mais de mil cortiços.*"

No que concerne aos estudos de carácter etnológico, cabe salientar que este tipo de muros também está ausente nos trabalhos produzidos pela equipa do Prof. Jorge Dias e, em particular, na obra intitulada *Construções Primitivas de Portugal* (OLIVEIRA *et al.*, 1988).

Em contrapartida, diversos documentos do séc. XVI referem-se, aparentemente, a estruturas deste tipo sob a designação de *malhadas de abelhas*<sup>10</sup> ou *malhadas de colmeias*.

Cite-se, como exemplo, um documento datado de 1505 (HORMIGO, 1998) que refere uma "*malhada velha de comeias no fundo do val dalcantara*", no limite das terras da Ordem de Cristo, no Rosmaninhal (Idanha-a-Nova). Parece legítimo admitir tratar-se de uma estrutura de protecção a colmeias e não simplesmente de um agrupamento de colmeias. Além disso, o adjectivo "velha" para além de se aplicar a algo de durável, como é o caso de uma estrutura em pedra, indica que esta já era considerada antiga no início do séc. XVI.

Num outro documento, respeitante a uma visita realizada em 10 de Outubro de 1505, pelos visitantes da Ordem de Cristo ao termo de Idanha-a-Velha, é mencionada uma outra malhada de colmeias (CASTELO BRANCO, 1998: 15-16). Regista o documento a dado passo: "*... e de hy atravessa direito há ribeira do Aravil per fundo dos pardieiros que foram de Afonso Criado e per cima da granja do Aravil; e de hy se vay per cima da malhada das colmeas de pedro Luis de Alcanfozes...*"

A pesquisa efectuada ao nível da literatura popular, relativa à região de Castelo Branco, permitiu identificar um muro-apiário num conto publicado por Jaime Lopes Dias (1944: 61), intitulado *O Muro de Lançarote*. Este conto tem como cenário as Campanhas de Idanha-a-Nova e como protagonistas um touro e sete lobos, que acabam por morrer aprisionados no interior do muro. O facto de ser designado como muro permite admitir tratar-se de um muro-apiário e não de um fojo - estrutura destinada à captura de lobos -, embora existam fojos com uma estrutura similar à destes muros, como é o caso dos "fojos de cabrita" (ÁLVARES *et all.*, s/d).

Em relação ao território espanhol, admite-se a existência de bibliografia específica sobre esta temática, principalmente nas regiões onde o urso sobrevive, como é o caso da cordilheira cantábrica (Astúrias e Léon). Cite-se, a título de exemplo, os trabalhos, *Apicultura Tradicional no Concello de Navia de Suarna (Lugo)*, da autoria de Clodio González Pérez (GONZÁLEZ, 1988) e *Osos y otras fieras. En el pasado de Asturias (1700-1860)*, de Juan Pablo Torrente Sánchez-Guisande (TORRENTE, 1999).

---

<sup>10</sup> Nos forais da região de Castelo Branco, datados do início do século XVI, com referências à actividade apícola, as abelhas são denominadas o "gaado do vento".

Também se pesquisaram diversos *sites* relativos a programas de estudo e protecção ao urso pardo em Espanha<sup>11</sup> que nos mostram o interesse que estas construções arcaicas e tradicionais assumem no contexto de projectos naturalistas, de conservação da fauna silvestre.

Nas serras que fazem fronteira entre as províncias de Cáceres e Salamanca também se encontram estruturas deste tipo, bem como documentos que atestam a sua utilização no séc. XVI. O trabalho *Las Batuecas y Las Hurdes* (ROMERO, 1995:94) transcreve alguns trechos das Ordenanzas de La Alberca, que foram proclamadas em 17 de Setembro de 1515 e se destinaram a regular a exploração económica daquela região, onde se documenta a existência de “corrales zerrados” de abelhas<sup>12</sup>.

2. Em Portugal estas construções são conhecidas por *muros, silhas e malhadas (de abelhas ou de colmeias)*. No capítulo sobre vocabulário, Vasco Paixão (PAIXÃO, 1974: 929) define “*muro (de cortiços) - apiário ou silha protegidos por um muro circular munido de uma pequena porta de entrada (Rosmaninhal, Beira Baixa)*”. O termo *silha* designa, em geral, um alinhamento de colmeias ou cortiços. No foral de Sarzedas, de 1512, o vocábulo surge com este sentido (MIRANDA, 1966).

Na região de Castelo Branco estas estruturas são habitualmente designadas por *muros* (PAIXÃO, 1974), termo que passou em alguns casos para a microtoponímia, como são os casos do ribeiro do Muro Alto e do Muro Caiado, em Idanha-a-Nova, da propriedade do Muro Alto, em Castelo Branco, e do Muro do Romão, em Vila Velha de Ródão. O termo *silha* surge uma única vez, na área de Segura (Idanha-a-Nova), para designar uma estrutura de pedra. No Norte de Portugal tomam a designação de *silha* ou *colmeal* (DIAS, 1993: 137) e na região de Serpa de *malhada*. Esta última designação surge, igualmente, em documentos históricos referentes à região de Castelo Branco (HORMIGO, 1998; CASTELO BRANCO, 1988; ANTUNES, 1950).

Em Espanha, estas estruturas tomam designações diferentes consoante as regiões onde se situam. Na Galiza e nas Astúrias são conhecidas por *albariza, abellariza, albiza, albarizal* ou *cortín* e na Estremadura tomam, entre outras, a designação de *colmenar, muro de abejas* (Garrovillas), *corral zerrado de abejas* (Hurdes, Batuecas).

Face à diversidade de designações aplicadas a estas estruturas, com carácter marcadamente regional, tanto em Portugal como em Espanha, considerou-se conveniente adoptar um nome comum a todas elas. Assim, neste texto como em

<sup>11</sup> É o caso dos projectos Life de Conservação do Urso Pardo na Cordilheira Cantábrica e nos Pirinéus, envolvendo entre outras organizações o FAPAS e a ADENA-WWF-León. Estes projectos conservacionistas também contemplam a protecção de apiários, através, por exemplo, do restauro de alguns “*cortines tradicionales cada vez más abandonados...*” E pretendem ir mais longe quando afirmam que “*se está estudiando también la posibilidad de realizar un inventario y cartografiar todos los cortines (colmenares) existentes en las zonas de actuación, quizás mediante la colaboración de algún voluntario, doctorando o similar.*” Ver também *L’ Osu Pardu*, em Asturias.com, assinado por Pilar Sánchez Vicente, “*... pero l’osu ye un golosu ensin remedi. Lo que más y presta ye garrar por banda un panal y comer tola la miel que pueda. Asina ye que, dende antañu, los asturianos esmolieronse en proteyer les colmenes com um muru altu (puede llegar hasta los 3 metros). Esta construcción conozse col nome de cortín.*”

<sup>12</sup> As Ordenanzas de La Alberca aplicavam-se “*... tanto al pueblo de La Alberca como a su socampa (dehesas de las Hurdes Y Batuecas).*” A seguinte transcrição regista o tipo de estruturas que nos interessam: “*Las colmenas - La abundante y continua floración de Batuecas ha sido aprovechada desde antiguo para producir miel. Las colmenas han sido la principal producción del Valle; la abundancia de miel, ha sido la base de la industria artesana del turrón, tan arreigada en La Alberca. Las colmenas eran de dos tipos: “corrales zerrados” de carácter permanente y “postureros” o de carácter temporal. Ambos debían situarse “a um tiro de ballesta el uno del otro e a los lados un tiro de piedra” mas como “sobre esto abra muchas diferencias por ser medida yncierta y por evitar enojos e distrencias que cada un dia se ofrecen ... ordenamos que todo corral zerrado de piedra tenga de termino e de coto ciento y sesenta estades de la medida e marco que esta senalado en la parez e pilar de la casa del concejo...*”

texto anterior (HENRIQUES *et all.*, 1999), convencionámos designar as estruturas em apreço através da palavra composta *muro-apiário*.

3. Os muros-apiários são testemunhos materiais, duráveis, da actividade apícola e podem corresponder, em muitos casos, a uma longa utilização, durante várias centenas de anos, ou pelo menos a um uso recorrente. O seu estudo, dos pontos de vista estrutural, funcional e cronológico, reveste-se de muito interesse e originalidade.

O distrito de Castelo Branco, a área que nos interessa mais directamente, registou ao longo do terceiro quartel do séc. XIX (RAMOS & PITA, 1997) uma posição cimeira na produção de mel a nível distrital, sendo apenas ultrapassado pelos distritos de Beja, Portalegre e Lisboa. No século precedente, nas *Memórias Paraquiais de 1758*, em resposta à questão "*quais os frutos que a terra dá?*" os párocos de Escalos de Baixo, Malpica, Monforte, Monsanto, Penha Garcia, Rosmaninhal, Salvaterra e Segura responderam ser o mel um desses produtos.

Estes indicadores de produção dos sécs XVIII e XIX, a par das referências as muros-apiários no séc. XVI, permitem admitir a existência de um número muito significativo de muros-apiários no distrito de Castelo Branco, que justificam o desenvolvimento da pesquisa já realizada.

A esse respeito, os signatários divulgaram, recentemente, uma primeira caracterização de muros-apiários localizados naquela área do Sul da Beira Interior (HENRIQUES *et all.*, 1999). O presente texto constitui um desenvolvimento daquele trabalho, contendo um quadro descritivo, detalhado, das estruturas observadas, até ao momento, nos concelhos de Vila Velha de Ródão, Castelo Branco, Idanha-a-Nova e no Ayuntamiento de Alcântara.

## CARACTERIZAÇÃO

Apresentam-se seguidamente vinte e seis muros-apiários já observados no distrito de Castelo Branco (**Figura 2** e **Anexo**). Situam-se em diferentes sub-bacias do médio Tejo (Ponsul, Aravil, Erges, outras) a altitudes inferiores a 400m. Para além destes, dispõe-se de informações relativas a outras construções, do mesmo tipo, na bacia do médio Tejo<sup>13</sup>.

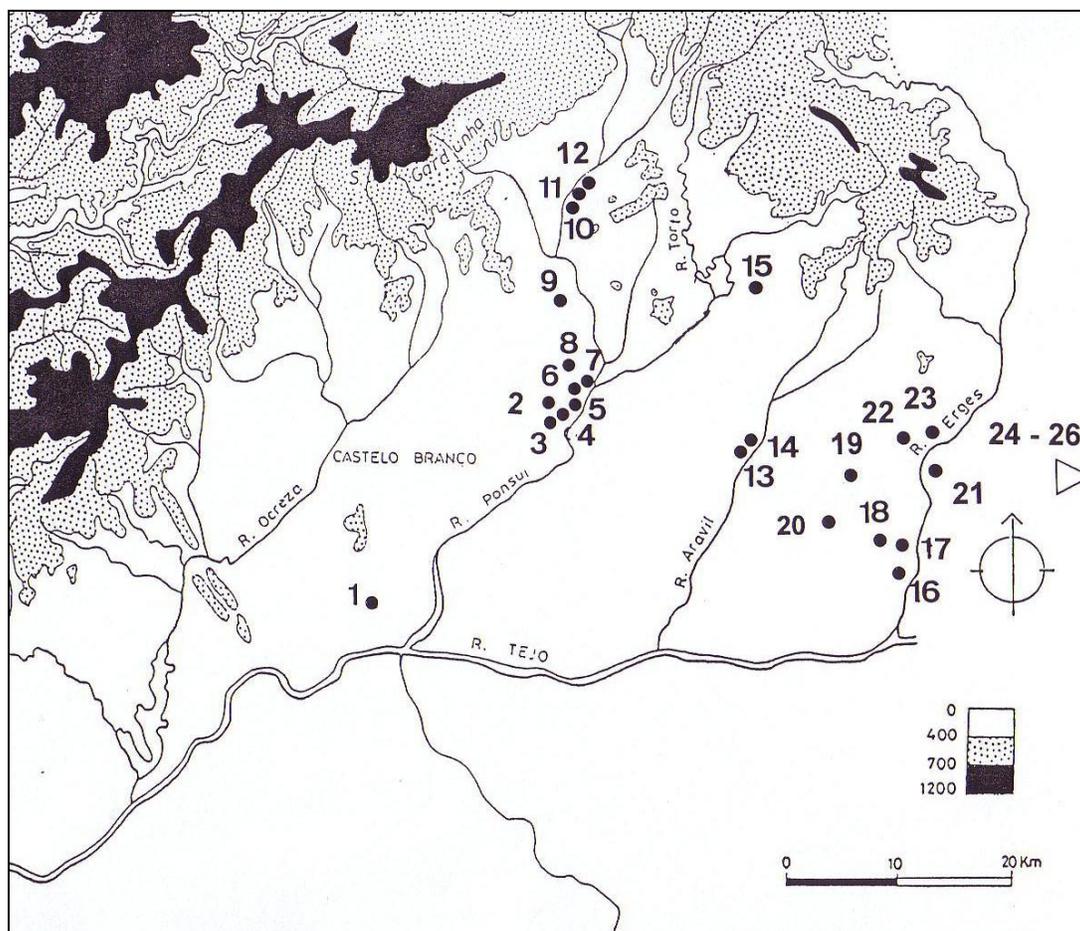
Estes muros-apiários foram identificados com base na microtoponímia, na cartografia militar e em informações orais. Pesquisaram-se topónimos relativos a muros e silhas, de que são exemplos Muro Alto, Barroca do Muro, Muro do Romão e Silha. Os microtopónimos foram obtidos em mapas ou junto das populações locais.

Verificou-se que alguns daqueles muros estão registados na carta militar, sendo representados por um pequeno círculo a ponteadado. Mas, constatou-se que nem todos os pequenos círculos ponteadados correspondem a muros-apiários. A selecção

<sup>13</sup> Nas 1<sup>as</sup> Jornadas Regionais sobre Monumentos Militares, realizadas em Castelo Branco em 1983, foi apresentada uma comunicação intitulada "Problemática à Volta do Possível Reduto Militar do Chão das Retortas, Ortiga" (RIBEIRO, 1983), uma possível "*divisão de propriedade ou monumento militar com as funções de fortificação de campanhas e/ou torre de vigia?*". Aquela estrutura, segundo opinião recentemente transmitida pelo autor, poderá corresponder a um muro-apiário, hipótese que parece concordar, em nossa opinião, com a implantação e as dimensões da parede. É um pequeno reduto de pedra aparelhada e solta, construído nas proximidades do rio Frio, num declive de terreno e sobre uma escarpa. A parede tem uma altura média de 1,50m e a largura varia entre 50 e 80cm. O perímetro é de 80 a 90m, o que perfaz um diâmetro da ordem dos 27m. Nas *Memórias Paraquiais de 1758* os párocos de Cardigos, Carvoeiro e Envendos (PEREIRA, 1970), referem ser o mel e a cera um dos principais produtos da terra, o que reforça a hipótese de existirem muros-apiários nesta área.

dos ícones com interesse depende de dois outros critérios: a exposição ao Sol e a implantação topográfica. De facto, durante o trabalho de campo, constatou-se a existência de ponteados circulares que não correspondem a muros mas a pequenas tapadas agrícolas (envolvendo linhas de água) e a recintos para gado, também de planta circular (em geral situados no topo de cabeços ou na parte superior das encostas), estes semelhantes aos existentes em muitas regiões de Portugal (cite-se como exemplo o concelho de Alcoutim).

Verifica-se que o registo cartográfico dos muros-apiários não tem relação com as dimensões nem com o estado de conservação.



**Fig. 2.** Localização de um conjunto de muros-apiários situados na bacia do médio Tejo (mapa adaptado de R. Vilaça, Aspectos do Povoamento da Beira Interior nos Finais da Idade do Bronze, 1995). 1. Muro do Romão, 2. Parrocha, 3. Cabeço Redondo, 4. Muro Alto, 5. Ponte da Munheca, 6. Rasteira, 7. Moinhos do Conde, 8. Coito do Leitão, 9. Muro do Vaz Preto, 10. Fraga dos Galhardos I, 11. Fraga dos Galhardos II, 12. Fraga dos Galhardos III, 13. Coito dos Caturros, 14. Vale do Gamo, 15. Monte das Piçarras, 16. Marmeleiro, 17. Muro Alto, 18. Febra Amarela, 19. Muro Caiado, 20. Muro do Ti Filipe, 21. Dehesa de la Puente, 22. Silha, 23. Ribeiro do Vale do Lobo, 24. Los Leones, 25. Alcântara I, 26. Alcântara II.

## Implantação

Os muros-apiários observados situam-se a curta distância das margens dos rios Erges, Aravil, Ponsul e Tejo e de outras linhas de água menores. São cursos de água permanentes ou com capacidade para manterem, no seu leito, reservas de água durante o estio. Os muros-apiários implantam-se, quase sempre, sobre a

confluência de duas linhas de água de diferente importância. A presença de água é indispensável à produção apícola.

Exceptuando os muros da Parrocha, Rasteira e Dehesa de la Puente, construídos no terço superior da encosta, e o de Los Leones implantado numa peneplanície, os restantes muros-apiários situam-se no fundo de vales, no terço inferior das encostas e junto das linhas de água.

Esta implantação facilita a deslocação das abelhas. De facto, quando estas colectam recursos em cotas superiores às do muro fazem a viagem ascendente, que é mais difícil, sem carga (pólen), e a viagem descendente, mais fácil, com carga. A localização na parte inferior das encostas também favorece a produção suficiente de mel, num primeiro tempo, para se auto-reproduzirem e, mais tardiamente, para o apicultor. Porque as cotas mais baixas, perto da linha de água, são mais temporãs em termos de floração. Esta floração precoce permite ao enxame angariar alimento suficiente para as larvas, constituindo, deste modo, um exército de obreiras (auto-reprodução). Por sua vez, o enxame que sai tem que o fazer atempadamente, em termos de floração, para garantir a sua própria sobrevivência, colectar mel e cera para a sua alimentação no Inverno. Quando o auge da floração atinge a meia encosta, ou o topo, é então angariado alimento que pode ser extraído pelo apicultor.

Nos casos documentados, os muros-apiários situam-se em cotas que variam entre 190m e 310m (Parrocha). Nesta região, crê-se que a altitude, em termos absolutos, não constitui critério de implantação dos muros-apiários.

As superfícies, ou encostas, onde assentam os muros, são inclinados, por vezes de forma muito acentuada. Esta característica proporcionava, entre outras vantagens, (a) abrigo contra o vento<sup>14</sup>, (b) uma maior proximidade das fontes do pólen, oriundo da vegetação espontânea que recobre as margens abruptas de cursos de água, (c) um acesso mais próximo aos afloramentos rochosos de onde provém a pedra utilizada na construção dos muros<sup>15</sup>, e (d) evitava que o muro roubasse espaço à actividade agrícola.

A exposição solar é outro factor a ter em conta na instalação do apiário. Assim, em regiões mais frias e acidentadas é aconselhada a sua instalação em encostas voltadas a Sul e nas regiões mais quentes em encostas voltadas a Sudeste. Dos vinte e seis muros observados doze estão voltados a Sul (170-180°), oito a Sudeste (130-155°), quatro a Sudoeste (210-230°), um a Leste (90°) e num caso não foi determinada a orientação (Muro do Ti Furriel).

Nos muros voltados a nascente as abelhas podem iniciar a actividade mais cedo e terminá-la também mais cedo, diminuindo, assim, o risco de não regressarem a tempo ao cortiço ou à colmeia. Nos muros e colmeias voltadas a poente este risco aumenta.

---

<sup>14</sup> Segundo a Carta de Ventos do Atlas do Ambiente, em Idanha-a-Nova registam-se ventos dominantes de Noroeste e seguidamente de Nordeste. Em Castelo Branco os ventos dominantes têm orientação Nordeste, seguindo-se os ventos de Norte, Sudoeste, Oeste e Noroeste.

<sup>15</sup> Muitos muros-apiários estão construídos sobre afloramentos xisto-grauváquicos ou nas suas proximidades, o que permitiu reduzir o esforço/custo no transporte da pedra empregue na sua construção.

## Estrutura

Os muros-apiários têm, em geral, planta subcircular com diâmetros que variam entre 32m (muro I de Alcântara) e 11,8m (Muro Caiado). Conhecem-se dois muros de planta rectangular (Muro do Vaz Preto e Fraga dos Galhardos) e outro em U fechado (Muro Caiado). Segundo informação do Dr. Antonio González, nas zonas centrais da planície extremeña, os muros têm plantas diversificadas (quadradas, circulares ou poligonais) e diâmetros inferiores aos dos muros das zonas montanhosas.

Os muros-apiários são constituídos por uma parede que pode atingir quatro metros de altura, nos pontos mais elevados e onde a estrutura se conserva melhor. O muro da Silha (Segura) tem apenas 1,5m de altura. Cremos que este muro, e outros de altura similar, já não tenham servido para a protecção dos cortiços em relação ao urso, talvez por este se encontrar extinto à data da sua construção. No entanto, poderia ter servido como obstáculo à entrada de outros intrusos menores ou decorrer de um hábito de construir recintos para encerrar os cortiços. Em Navia de Suarna (GONZÁLEZ, 1998) a altura dos muros varia entre 2m e 4m.

A altura dos muros da serra do Gerês varia entre 1m e 4.72m e, segundo Paulo Dias, *“até ao desaparecimento do urso nesta região, as silhas eram construídas em parede dupla, com os muros ligeiramente inclinados para fora”* (DIAS, 1993). Nos muros observados, ou naqueles de que se teve conhecimento através de bibliografia, não se documentou a presença de parede dupla. Relativamente à inclinação da parede do muro, para o exterior, conhecem-se, na região do médio Tejo, alguns exemplares com esta característica.

Actualmente, a legislação portuguesa determina que os muros de delimitação de apiários tenham uma altura mínima de 2m, quando implantados junto de vias comunicação ou em terrenos agrícolas, para evitar o ataque das abelhas a pessoas ou animais.

Na generalidade dos muros, a espessura da parede varia entre 60cm e 95cm, sendo relativamente uniforme entre a base e o topo. Noutros, como é o caso dos muros da Rasteira, do Cabeço Redondo e dos Moinhos do Conde, a espessura da base é substancialmente superior à do topo. Em Navia de Suarna a espessura da parede apresenta, aproximadamente, os mesmos valores (varia entre 60cm e 1m, ou mais).

Estes muros apresentam grande variabilidade em termos de área interna. Por isso, optou-se em dividi-los em três classes. Assim: a primeira classe corresponde aos muros com menos de 250 m<sup>2</sup>; na segunda classe posicionam-se os muros com área a variar entre 251 m<sup>2</sup> e 500m<sup>2</sup>; a terceira, e última, classe abrange os muros com mais de 500m<sup>2</sup> de superfície. Do primeiro grupo fazem parte oito muros: Marmeleiro, Muro Caiado, Rasteira, Parrocha, Cabeço Redondo, Los Leones, Ribeiro do Vale do Lobo e Fraga dos Galhardos III, o mais pequeno. Do segundo grupo fazem parte sete muros: Vale do Gamo, Monte das Piçarras, Febre Amarela, Coito do Leitão, Muro do Romão, Silha, Dehesa de la Puente e Fraga dos Galhardos II. Muros com área superior a 500m<sup>2</sup> são o Muro Alto (Idanha-a-Nova), Ponte da Munheca, Muro Alto (Castelo Branco), Alcântara I e Muro do Vaz Preto. Em Navia de Suarna o diâmetro dos muros-apiários varia entre 4m e 12m, o que perfaz áreas da ordem dos 12,5m<sup>2</sup> a 113m<sup>2</sup>, que são consideravelmente inferiores às registadas na área de Castelo Branco e Alcântara.

A área dos muros determina, directamente, o número de cortiços que estes podem comportar. Esta característica, a par da densidade de estruturas numa determinada zona, relaciona-se decerto com a capacidade floral da respectiva região.

Os muros inventariados são construídos com lajes e blocos de xisto-grauvaque ou de granito. Nos muros de xisto-grauvaque são raramente utilizados blocos de granito nas ombreiras e nos lintéis de portas, como é o caso do pequeno muro da Parrocha. Nalguns muros-apiários, as pedras apresentam grande variabilidade de dimensões, situando-se os blocos de maior tamanho na base da parede. Noutros casos, como no Muro Alto (Rosmaninhal), acontece o oposto, com um aparelho muito regular e certa uniformidade nas dimensões (comprimento e espessura) e na orientação das lajes utilizadas na sua construção. No muro dos Moinhos do Conde identificaram-se áreas, limitadas, com pequenas placas de xisto dispostas em espinha, envolvidas por aparelho horizontal.

Alguns muros são construídos em pedra seca, outros utilizam elemento ligante e num caso documentou-se a aplicação de reboco e caiamento na parede exterior (Muro Caiado). O Muro do Romão (Perais) é construído com camadas alternadas de placas de xisto, ora horizontais ora oblíquas, formando um espinhado de grandes dimensões. As lajes utilizadas nesta construção ocupam toda a largura da parede, sendo perpendiculares a esta e estando alinhadas segundo a face exterior do muro. Na face interior as placas sobressaem, mais ou menos, em função do seu comprimento.

Em todos estes muros observaram-se reconstruções ou alteamentos. Esta circunstância representa um interessante desafio para a chamada arqueologia da arquitectura. Alguns muros apresentam buracos a meia altura, visíveis ao longo do pano exterior da estrutura. Estas cavidades destinavam-se, provavelmente, à fixação dos andaimes necessários para a construção dos muros mais altos.

Alguns muros, melhor conservados, apresentam remates no topo, constituídos por placas avançadas para o exterior e/ou para o interior (Coito dos Caturros, Muro Alto [Idanha-a-Nova] e Alcântara I). Em Navia de Suarna, o remate avançado é designado por *barbas* ou *beirado* e tinha como função “*non deixar entrar os animais que agatuñan pelas paredes*” (GONZÁLEZ, 1998: 26). São estas as designações que passaremos a utilizar. A medida dos beirados varia entre 30cm e 40cm. No muro de Alcântara II o beirado exterior varia entre 12cm e 28cm e o beirado interior entre 10cm e 15cm; estes beirados não apresentam continuidade. No Muro Alto (Idanha-a-Nova), o beirado avança para o interior, de tal forma que as placas se sobrepõem ligeiramente, constituindo uma escadaria contínua.

Entretanto, há muros que apresentam outras formas de remate (ver HENRIQUES & CANINAS, 1992). Assim, os muros da Fraga dos Galhardos II e da Silha têm placas sub-verticais no remate da parede. No muro da Silha, as placas sub-verticais formam um beirado de cerca de 10cm. O muro da Parrocha apresenta remate arredondado com placas de xisto dispostas em leque. Trata-se de uma técnica comum em muros que delimitam propriedades. Os muros do Cabeço Redondo e da Rasteira têm remates formados por placas de xisto em posição horizontal, por vezes sobrepostas.

Os muros da serra do Gerês também possuem barbas avançadas para o exterior (DIAS, 1993).

Os muros observados possuem uma pequena porta de acesso ao interior, com cerca de 130cm de altura por 85cm de largura. Em Navia de Suarna (Lugo), a porta é baixa e de reduzidas dimensões *"...- en particular nos mais antigos -, de xeito que o home que queira entrar tem que facelo axionllado. Así non a pode abri-lo oso, pois como fai máis forza é poñéndose de pé e empurrando coas patas dianteiras, e ó ser baixa non pode apoiarse nela"* (GONZÁLEZ, 1998: 27).

Em muitos dos muros, objecto deste texto, observaram-se reconstruções acima do lintel ou nos troços de parede que confinam com as ombreiras. Perante o que se conhece de Navia de Suarna, é plausível admitir que alguns destes muros tivessem, primitivamente, uma porta baixa que foi substituída por uma porta de maiores dimensões (ou à dimensão humana) após a extinção do urso na região. Deste modo, o difícil acesso ao interior do recinto teria sido solucionada com o alteamento da porta.

Não se observou uniformidade na orientação das portas. Entretanto, são maioritárias as orientações a Oeste, Noroeste e Norte e raras as portas voltadas a Sudoeste, a Sul e a Sudeste. Dois muros (Vale do Gamo e Ponte da Munheca) possuíam uma outra porta que foi fechada com um pano de xisto semelhante ao resto da construção. As portas encerradas, ou condenadas, posicionam-se em cotas inferiores às das portas de utilização mais recente. É lícito admitir que estas últimas tenham sido abertas posteriormente. A eliminação das portas em níveis inferiores pode estar relacionada com a vulnerabilidade do recinto, face às cheias dos cursos de água adjacentes.

No interior dos muros, o solo é inclinado, de forma mais ou menos acentuada. Nos casos em que o declive é maior, os muros podem conter dois, três ou mais socalcos, escavados no afloramento ou estruturados em muros de pedra. Os muros de Navia de Suarna possuem esta mesma característica. Cada patamar era ocupado com uma fila de cortiços (silha). O desnivelamento existente entre estas filas facilitava a deslocação das abelhas. Há muros que possuem um orifício, na cota mais baixa, para escoamento da água acumulada no interior. Na face exterior, este buraco surge elevado em relação ao solo.

Na generalidade dos muros também se observa, devido ao efeito da gravidade, a acumulação de terra na parte inferior. No muro da Febra Amarela há notícia da utilização do seu interior como horta, há cerca de 60 anos. Este muro foi então reutilizado para protecção de culturas hortícolas em relação ao gado criado em regime extensivo na área envolvente. Actualmente, no interior de alguns destes muros, existem oliveiras, amendoeiras, zambujeiros e diversos outros arbustos.

A existência de árvores, não muito altas, ou arbustos, no interior dos muros era de todo o interesse para os enxames se fixarem quando da sua saída, enquanto esperavam pela rainha. Esta espera facilitava a sua captura. Na região do médio Tejo, nos muros ocupados até há poucos anos, são ainda visíveis as árvores ou os arbustos atrás referidos. Paulo Dias (DIAS, 1993) regista a mesma característica nos muros da serra do Gerês.

Alguns recintos foram utilizados até há poucos anos, principalmente na bacia do Ponsul. São disso prova os cortiços e as colmeias móveis que ainda encerram.

Eduardo SEQUEIRA (s/d: 240-241) refere a existência no interior dos colmeais da *"casa da hospedaria e de depósito de alfaias melíferas"*. Nos muros visitados apenas se observaram estruturas desta natureza no Muro de Vaz Preto. Nos muros

de Alcântara I e Los Leones existem pequenos telheiros, abertos lateralmente, que teriam idênticas funções. No Muro Alto (Idanha-a-Nova) e no Muro Alto (Castelo Branco) observaram-se vestígios de estruturas que poderiam corresponder àquela finalidade. Na Febra Amarela e Alcântara I existe uma construção anexa no exterior do muro.

Monumentalidade é a palavra correcta para caracterizar alguns dos muros-apiários documentados no médio Tejo, tendo em conta a sua implantação, sobre precipícios, mas devido, em especial, às suas dimensões e estado de conservação.

Muitos destes muros situam-se no interior de arraiais e montes de média ou grande dimensão. Nas proximidades documentam-se outros elementos marcantes do espaço construído, como vias de comunicação (calçadas), casas de habitação, pombais, currais de gado e malhadas de porcos. Em alguns casos, o proprietário do muro não é o dono da propriedade onde aquele se situa.

### **Função**

Os muros teriam como função primordial proteger os cortiços colocados no seu interior. Actualmente, os principais inimigos dos cortiços (ou colmeias) que poderiam exigir este tipo de construção são os incêndios (ANDRADE, 1988), o vento (ALMEIDA, 1943), o texugo (*Meles meles*) e o saca-rabos (*Herpestes ichneumon*). No passado o urso pardo (*Ursus arctos*) era outro inimigo a considerar. Este mamífero pode mesmo ter determinado o início da construção destes muros.

Vasco PAIXÃO (1974: 639), no seu *Manual de Apicultura*, identifica o urso e o texugo entre os principais inimigos das abelhas. Sobre este último, afirma que “os apicultores nas regiões em que os texugos abundam, como, por exemplo, nos arredores de Moura, estabelecem as colmeias dentro de cercas, formadas por muros de taipa ou pedra solta, defendendo assim os enxames, indirectamente, das suas perniciosas arremetidas.”

No entanto, no caso dos muros em apreço, entende-se que para defender os cortiços dos texugos e dos saca-rabos não seria necessário dispor de estruturas tão altas e de construção tão dispendiosa. Restam como inimigos os incêndios, o vento e os ursos.

Na opinião de um especialista em incêndios, a construção dos muros-apiários não teria como motivação principal a protecção contra incêndios, atendendo à sua implantação, em geral, junto de cursos de água e no terço inferior das encostas. Um curso de água funciona como barreira natural à progressão do fogo. Aí, a combustão desenvolve-se a ritmo mais lento, devido ao coeficiente superior de humidade e à cobertura ripícola das margens.

No entanto, a localização no terço inferior da encosta constitui uma vantagem na protecção do apiário em relação à progressão de um incêndio. Podendo, embora, ocorrer em qualquer ponto da encosta, o sentido predominante das chamas é das cotas inferiores para as cotas superiores, devido às correntes ascendentes. Assim, ao localizar-se na parte inferior da encosta, o muro fica mais protegido da intensidade do calor e das labaredas do que se estivesse a meia encosta ou no topo. E, mesmo que ocorresse um incêndio junto a um muro-apiário, o fumo e o ar quente seriam repelidos pelos beirados salientes.

A hipótese da estrutura dos muros-apiários servir para proteger os cortiços do vento, como defende Eduardo ALMEIDA (1943), também se afigura, nesta região, pouco consistente, visto aqueles se situarem, em geral, em áreas abrigados dos ventos dominantes, junto de cursos de água e de galerias ripícolas, que funcionariam como barreiras eficazes, dispensando a construção de alto muros.

Finalmente, a altura dos muros, a par dos beirados, permite encará-los como obstáculos à entrada do urso pardo (*Ursus arctos*) no apiário. É a hipótese mais provável, tendo em consideração a existência de estruturas idênticas em zonas onde o urso sobrevive, como o caso das Astúrias.

Essa explicação também está documentada em Portugal. Em 1732, o padre D. Jeronymo Contador d'Argote faz a seguinte descrição de uma silha do Gerês: “... a huma légua da Via Militar em huma baixa existem humas silhas de pedra marmore muito bem fabricadas, quasi da altura de sete covados (4,72 metros). Principiaõ em baixo em circuito pequeno, e acabaõ em mayor ambito, e assim saõ as suas paredes muito inclinadas para fóra, em fórma, que parece querem cair. O motivo desta fórma de edificio foy para que nenhuma féra, ainda por salto, pudesse ali entrar. Eraõ estas silhas grande remedio contra os assaltos dos ursos, que antigamente se creavaõ, discorriaõ por aquellas serras” (DIAS, 1993: 22).

Mas, ao colocar-se esta hipótese, somos remetidos, no caso de Portugal, para períodos históricos anteriores ao séc. XVII, ou seja antes da data canónica (documentada) de 1670 (ANTUNES, 1993), correspondente ao abate do último urso selvagem em Portugal e que ocorreu na área da Peneda-Gerês<sup>16</sup>.

Na tradição local dos povos de Las Hurdes, no norte da província de Cáceres, os muros-apiários serviam para proteger as colmeias da voracidade dos ursos, que até ao século passado abundavam naquela região, segundo informação do arqueólogo António González. Quanto ao distrito de Castelo Branco, também é possível correlacionar os muros-apiários com os ursos a partir da tradição oral.

Seria interessante determinar, a nível geral, a representatividade dos muros-apiários na actividade apícola, como mecanismos de protecção<sup>17</sup>. Curiosamente, Vasco PAIXÃO (1974: 217) defende que “os muros de pedra solta, porém, não devem ser empregados para esse efeito, por servirem de esconderijo, a vários inimigos das abelhas, como lagartos, sapos, vespas e aranhas.” Este aspecto poderá ter condicionado um uso generalizado destes muros.

## Cronologia

1. São escassos os elementos que nos permitam, neste momento, estabelecer a evolução e a cronologia das estruturas situadas na zona de Castelo Branco. Para atingir esses objectivos é essencial continuar a investigação documental e promover trabalhos de investigação arqueológica nas estruturas que ofereçam condições para o efeito. De qualquer forma, a diversidade já documentada, quer ao nível do

<sup>16</sup> Afirma SEQUEIRA (s/d: 237) que os “*nossos primeiros monarcas que, em vários forais, determinaram, entre largas medidas de protecção às abelhas, a paga anual pelos foreiros ao senhorio, de um certo número de mãos de urso... muito concorreu para a rápida extinção, no nosso país, do grande carnívoro do velho continente*”.

<sup>17</sup> Nas Astúrias, para além dos muros-apiários, estão documentados outros mecanismos de protecção das colmeias, como são os *cortinos de peña* e os *talameiros* (TORRENTE, 1999), consistindo este últimos em torres maciças de pedra, de 2m de lado por 2,5m de altura, às quais se acedia por meio de uma escada e no cimo das quais se colocavam um ou mais cortiços.

aparelho utilizado, quer das dimensões das paredes, permite admitir estarmos perante construções atribuíveis a diferentes épocas.

2. Era grande a importância no mel na Idade Média. Vários historiadores têm encontrado múltiplas referências à existência de abelhas nos campos do Portugal medieval. E, como se poderá ver, alguns dos testemunhos mais antigos acerca do aproveitamento das abelhas durante o período medieval dizem respeito ao território da actual Beira Baixa ou Beira Interior em geral.

Na verdade, há alusões muito concretas à criação de abelhas na Beira, durante o período islâmico. A apicultura está bem documentada, para o território de Idanha, durante estes séculos. Concretamente, o cronista Ahmad al-Râzî diz, em relação ao território de Antaniya (a antiga Egitânia), para além de outras coisas, que "*...o seu território desta vila é propício à criação de gado, à caça e à criação de abelhas.*" (cf. COELHO, 1972: 43-44, onde se traduz o texto reconstituído por LÉVI-PROVENÇAL, 1953: 89-90)

Estas actividades que se encontram documentadas para o período islâmico poderão, certamente, advir de períodos históricos anteriores. Do que não se duvida é que tiveram continuação a partir do momento em que estes territórios são integrados na coroa portuguesa.

Para o período islâmico, convém referir que o mel e a água-mel / hidromel eram tidos em grande apreço e, em alguns casos, eram recomendados com fins medicinais (veja-se, a este propósito, BOS, 1997).

Alguns historiadores da actualidade têm demonstrado a importância da apicultura durante o período medieval cristão, salientando mesmo a sua importância a nível do comércio externo com outros territórios europeus.

*"As abelhas, laborando nos seus refúgios naturais ou em colmeias que o homem estrategicamente colocava, eram penhor de mel, o adoçante por excelência da Idade Média, e de cera, fundamental para a iluminação, sobretudo numa sociedade religiosa. Mas por entre a vegetação mais rasteira ou de mais alto porte, mais densa ou mais rarefeita, corriam também os animais selvagens. Fossem os de grande corpulência – urso, javali, porco montês, lobo – ou os mais pequenos, onde o coelho se destacava"* (COELHO, 1996: 262).

*"Entre as actividades recolectoras, destacavam-se ainda a recolha de mel e de cera, quer dos favos das abelhas selvagens quer das domesticadas..."* (MARREIROS, 1996: 440). Mais adiante, a mesma autora refere os vários forais medievais, bem como posturas concelhias que se referem à cera e mel, bem como outros tipos de documentos que se referem a colmeias e a crestadeiras de cera. Além disso, refere a existência, na conhecida lei da almotaçaria de 1253, de tabelas que regulavam as cargas de cera. Lembra ainda a mesma autora que, nos forais dos concelhos de Riba-Côa, há constantes referências à figura do *mellitor* e do *colmenero* (ibidem, p. 440).

A produção de mel e cera era importante no Portugal medieval; nos finais do século XIII esses dois produtos encontravam-se entre os que exportávamos para a Flandres (MARQUES, 1996: 515). Estes mesmos produtos saíam também pelas fronteiras terrestres, com o vizinho reino de Leão e Castela (MARQUES, 1996: 517 e 519).

3. A estrutura do muro da Febre Amarela (Idanha-a-Nova) encerra uma quantidade apreciável de materiais arqueológicos datáveis da Época Romana, oriundos do sítio arqueológico contíguo (HENRIQUES, CANINAS & HENRIQUES, 1993), o que permite supor a sua construção, ou reparação, em período posterior à ocupação do povoado, algures na Idade Média.

No muro dos Moinhos do Conde (Castelo Branco) a parede, que é construída com aparelho de placas de xisto horizontais, encerra algumas fiadas de pequenas placas dispostas em espinha, em situação formalmente idêntica à observada no compartimento S do povoado fortificado do Castelo Velho de Alcoutim, datado do período Medieval (Islâmico) (CATARINO, 1997/98: est. CLXXXI, 2).

A técnica de construção em espinhado, para além de evidenciar uma remota semelhança com o "opus spicatum" de época romana, tem variadíssimos paralelos em outras construções medievais, sobretudo de época islâmica, havendo exemplos em muros da cidade andalusí de Saltés (na província de Huelva, em Espanha) e no chamado "castro da Cola" (no concelho de Ourique – cf. VIANA, 1960: 224-225, estampa XVII – 2).

Esta circunstância não deve, porém, levar ninguém a atribuir a esta fase específica do período medieval a cronologia destas construções. Contudo, não se pode esquecer que algumas técnicas de construção antigas acabaram por ganhar adeptos e criar raízes em certas zonas geograficamente mais afastadas dos grandes centros inovadores e, por isso, ricos alfobres de arcaísmos que se vão reproduzindo ao longo de muitos séculos.

Como se viu anteriormente, dois documentos (HORMIGO, 1998 e CASTELO BRANCO, 1998), datados de 1505, relativos à região de Idanha-a-Nova, referem a existência de malhadas de colmeias, que considerámos serem estruturas de protecção a colmeias.

Por outro lado, em Las Hurdes (no norte da província de Cáceres), o urso marcou presença até ao século passado. Também se obteve uma pista, oral, dando conta que o rei D. Carlos vinha para a região de Lardosa (Castelo Branco) caçar ursos. Este testemunho carece de demonstração porque, historicamente, o último urso selvagem foi morto, em Portugal, em 1670, bem longe daqui. No entanto, Las Hurdes e a região de Castelo Branco distam, aproximadamente, 100Km e a área de distribuição deste mamífero poderia não se confinar ao norte da província de Cáceres.

É provável que os muros mais baixos e sem barbas possam corresponder a um período histórico em que o urso deixou de ser fonte de preocupação.

Se por um lado a construção destes muros-apiários pode remontar à Alta Idade Média, ou mesmo à Época Romana, a, hipotética, sobrevivência do urso pardo até época recente, em largas parcelas do território português (montanhoso e/ou interior), motivaria a construção (e/ou manutenção) de muros-apiários, com estruturas robustas, até quase à actualidade, documentando uma longa duração para estas estruturas. De momento, trata-se apenas de hipóteses de trabalho.

## COMENTÁRIOS FINAIS

Neste trabalho foram apresentados alguns dos muitos muros-apiários que decerto existem na área em apreço, na bacia do Médio Tejo.

O número de muros existente em determinada área está relacionado com a disponibilidade de recursos na envolvente, com a sua produção floral e o número de cortiços existente em cada muro. A boa exposição solar, o abrigo em relação aos ventos dominantes, a proximidade de água, do pólen e de pedreiras revelam engenho na concepção e construção destes mecanismos de protecção aos cortiços/colmeias.

A construção de um muro, como os que referimos, comportava um elevado investimento em tempo e recursos humanos. Nessas condições, só um motivo muito forte motivaria a sua construção. A presença de um número significativo de ursos pardos na região poderia ser uma dessas razões.

Pela importância económica que tiveram no passado, pelo seu estado de conservação, implantação, beleza e monumentalidade, considera-se do maior interesse empreender o inventário sistemático deste tipo de construções.

Os muros-apiários apresentados, com características arquitectónicas arcaicas, são certamente testemunhas, em alguns casos, de uma longa utilização, desde talvez a Idade Média até à actualidade, constituem um elemento importante do nosso património construído. Como tal deverão integrar os inventários de património e estar representados nos futuros planos directores municipais, com estatuto de protecção adequado. Têm, por isso, manifesto interesse turístico-didáctico pelo que podem constituir preciosos elementos de apoio ao desenvolvimento local.

Mas não deverá ser desprezada a possibilidade de serem reabilitados à sua função original, de protecção aos apiários, desde que respeitando as suas características arquitectónicas nas necessárias intervenções de consolidação e restauro de que carecem.

A pesquisa levada a cabo pela Associação de Estudos do Alto Tejo impulsionou o lançamento de um projecto sobre o tema, a nível peninsular, através do qual se pretende contribuir para o inventário e estudo destas construções e para a sua protecção e valorização; este objectivo tem paralelo nas intenções de diversos investigadores e organizações conservacionistas das Astúrias e da Galiza. Encontra-se em constituição uma rede de investigadores e prevê-se a realização de um encontro luso-espanhol para a apresentação e discussão dos resultados desta pesquisa em 2002, na cidade de Castelo Branco, com o apoio da respectiva Câmara Municipal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, 1943:** Eduardo Sousa d' Almeida, **Um Povo Miúdo - As Abelhas**, Edições Cosmos, 153p., Lisboa, 1943.
- ÁLVARES et al., s/d:** Francisco Álvares, Pedro Alonso, Pablo Sierra & Francisco Petrucci-Fonseca, **Os Foxos de Lobos na Península Ibérica. Sua inventariação, caracterização e conservação**, policopiado, 43p.
- ANDRADE, 1988:** Mário Marques de Andrade, **Subsídios para a Monografia de Segura**, edição do autor, 2ª edição, Tomar, 1988.
- ANTUNES, 1950:** A. Pires Antunes, **Penha Garcia na Ordem de Cristo**, Subsídios para a História Regional da Beira Baixa, vol. II, Castelo Branco, p.336-354, 1950.
- ANTUNES, 1993:** M. Telles Antunes, **Mamíferos em Portugal. Extinções desde o Plistocénico Superior**, Liberne, p.6-10, Lisboa, 1993.
- BOS, 1997:** Gerrit Bos (ed.), **Ibn al-Jazzar on Sexual Diseases and their Treatment**, Londres / Nova York, Kegan Paul International, 1997.
- CABEZAS & CABEZAS, 1971:** Javier Cabezas & Maria Estremera de Cabezas, **Apicultura Prática (Cartilla del Colmenero)**, Ministerio de Agricultura, 438p., Madrid, 1971.
- CASTELO BRANCO, 1998:** Manuel da Silva Castelo Branco, **A Visitação da Cidade de Idanha-a-Velha**, Raia, nº4, pp.13-17, Castelo Branco, 1998.
- CATARINO, 1997/98:** Helena Catarino, **O Algarve Oriental durante a Ocupação Islâmica. Povoamento Rural e Recintos Fortificados**, Al-ULYÁ, Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, nº 6, 3 vols, Loulé, 1997/98.
- COELHO, 1972:** A. Borges Coelho, **Portugal na Espanha Árabe**, vol. I, 1ª ed., Lisboa, Seara Nova, 1972.
- COELHO, 1996:** Maria Helena da Cruz Coelho, **O povo a identidade e a diferença no trabalho**, in Portugal em Definição de Fronteiras; Do Condado Portucalense à Crise do Século XIV, vol. III da Nova História de Portugal, dir. de A. H. de Oliveira Marques e Joel Serrão, Lisboa, 1996.
- DEVY-VARETA, 1985:** Nicole Devy-Vareta, **Para uma Geografia Histórica da Floresta Portuguesa. As Matas Medievais e a "Coutada Velha" do Rei**, Revista da Faculdade de Letras-Geografia, I Série, vol. 1, p. 47-67, Porto, 1985.
- DEVY-VARETA, 1986:** Nicole Devy-Vareta, **Para uma Geografia Histórica da Floresta Portuguesa. Do Declínio das Matas Medievais à Política Florestal do Renascimento (Séc. XV-XVI)**, Revista da Faculdade de Letras-Geografia, I Série, vol. 1, p. 5-37, Porto, 1986.
- DGF, 1980-1983:** Direcção Geral de Florestas, **História Florestal, Aquícola e Cinegética. Colectânea de Documentos Existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo**, 6 vol., Lisboa, 1980-1983.
- DIAS, 1944:** Jaime Lopes Dias, **Etnografia da Beira**, vol. 1, 2ª edição, Lisboa, 1944.
- DIAS, 1983:** Jorge Dias, **Vilarinho das Furnas – Uma Aldeia Comunitária**, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 3ª edição, Lisboa, s/d.
- DIAS, 1993:** Paulo Dias, **Colmeias da Serra do Gerês. O urso e as abelhas**, *O Apicultor*, 1, p. 20-22, Cascais, 1993.
- FAPAS, 2000:** **Osos y Colmenas**, Boletim Fapas – Asturias, nº 69, p. 3-6, Clanes, 2000.
- GONZÁLEZ, 1998:** Clodio González Pérez, **A Apicultura tradicional no concelho de Navia de Suarna (Lugo)**, Diputacion Provincial Lugo, 1998.
- HENRIQUES & CANINAS, 1986:** Francisco Henriques & João Caninas, **Toponímia do Concelho de Vila Velha de Ródão**, Preservação, 5, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, p.57, 1986.

**HENRIQUES & CANINAS, 1992:** Francisco Henriques & João Caninas, **O Muro Tradicional e a sua Cobertura**, Preservação, 13, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, pp.101-107, 1992.

**HENRIQUES et. all., 1999:** Francisco Henriques, João Carlos Caninas, Fernando Branco Correia & Cassilda Santos, **Muros Apiários do Sul da Beira Interior. Contributos para a sua Caracterização**, Raia, 18, Castelo Branco, p.43-49, 1999.

**HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO, 1993:** Francisco Henriques, João Carlos Caninas & Mário Chambino, **Carta Arqueológica do Tejo Internacional**, vol. 3, Associação de Estudos do Alto Tejo, 299p, Vila Velha de Ródão, 1993.

**HORMIGO, 1998:** José Joaquim Mendes Hormigo, **Tombo da Comenda da Ordem de Cristo do Rosmaninhal de 1505**, Raia, 7, p. 9-14, Castelo Branco, 1998.

**IF, s/d:** Instituto Florestal, **Instalação de Apiários**, Lisboa.

**LÉVI-PROVENÇAL, 1953:** E. Lévi-Provençal, **La description de l'Espagne d'Ahmad al-Râzî**, al-Andalus, vol. XVIII, 1953.

**MARQUES, 1996:** A. H. de Oliveira Marques, **A circulação e a troca de produtos**, in Portugal em Definição de Fronteiras; Do Condado Portucalense à Crise do Século XIV, vol. III da Nova História de Portugal, dir. de A. H. de Oliveira Marques e Joel Serrão, Lisboa, 1996.

**MARREIROS, 1996:** Maria Rosa F. Marreiros, **Os Proventos da Terra e do Mar**, in Portugal em Definição de Fronteiras; Do Condado Portucalense à Crise do Século XIV, vol. III da Nova História de Portugal, dir. de A. H. de Oliveira Marques e Joel Serrão, Lisboa, 1996.

**MIRANDA & FERREIRA, 1966:** Cónego Francisco Alexandrino Duarte de Miranda & Godofredo Alberto dos Santos Ferreira, **Documentos e Notas para a Monografia de Sarzedas**, Estudos de Castelo Branco, Castelo Branco, 1966.

**OLIVEIRA, GALHANO & PEREIRA, 1988:** Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira, **Construções Primitivas de Portugal**, Edições Dom Quixote, 2ª edição, Lisboa, 1988.

**PAIXÃO, 1974:** Vasco Paixão, **Manual de Apicultura**, edição do autor, 1256 p., Lisboa, 1974.

**PAIXÃO, 1975:** Vasco Paixão, **O Muro. Problema para os Historiadores da Linguagem**, Jornal As Abelhas, 208, p. 3-4, São Mamede de Infesta, 1975.

**PEREIRA, 1970:** Maria Amélia Horta Pereira, **Monumentos Históricos do Concelho de Mação**, Câmara Municipal de Mação, Mação, 1970.

**RAMOS & PITA, 1997:** Carlos Ramos & Luis Miguel Pita, **A Apicultura em Portugal no Século XIX**, Vipasca, nº 6, p.55-94, Aljustrel, 1997.

**RIBEIRO, 1983:** João Henriques Ribeiro, **Problemática à Volta do Possível Reduto Militar do Chão das Retortas, Ortiga**, Comunicações das 1as Jornadas Regionais sobre Monumentos Militares, Castelo Branco, p.30-32, 1983.

**ROMERO et all., 1995:** Miguel Ramos Romero *et all.*, **Las Batuecas y Las Hurdes**, Ediciones Al Platá, Salamanca, 1995.

**SÁ, 1999:** José Pinho de Sá, **A rota do mel no concelho de Nisa**, Público, 22 de Fevereiro, p. 46, Lisboa, 1999.

**SEQUEIRA, s/d:** Eduardo Sequeira, **As Abelhas**, Editorial Domingos Barreira, 8ª edição, Porto.

**SILVA, 1999:** António Carlos Silva, **Salvamento Arqueológico no Guadiana**, 1, Do inventário patrimonial à minimização dos impactes, Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva, 416p, 1999.

**TORRENTE, 1999:** Juan Pablo Torrente Sánchez-Guisande, **Osos y otras fieras. En el pasado de Asturias (1700-1860)**, Fundación Oso de Asturias, Guijón, 1999.

**VIANA, 1960:** Abel Viana, **Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo**, Arquivo de Beja, vol. XVII, Beja, 1960.

## Anexo

### Caracterização de muros-apiários da bacia do médio Tejo

**Nº de Referência** (corresponde ao nº inscrito no mapa anexo, Fig. 2), **Topónimo e/ou Lugar** (os topónimos relativos aos muros-apiários denominados Muro do Romão, Muro Alto, Muro do Vaz Preto, Muro Caiado, Muro do Ti Filipe, Febre Amarela foram obtidos ou confirmados com base em informação oral; os restantes foram obtidos a partir da Carta Militar de Portugal), **Concelho**

(1) Curso(s) de Água/Bacia Hidrográfica (2.1) Folha da Carta Militar de Portugal(Data) (2.2) Referência na Carta Militar (*informa-se se a estrutura está assinalada na cartografia*) (3) Altitude (4) Coordenadas Geográficas ou Hectométricas (5) Exposição (*indica-se a orientação do muro tomando como referência a posição dos socalcos ou a direcção de maior inclinação*) (6) Posição Topográfica (*indica-se se o muro está situado na metade inferior da encosta ou na metade superior*) (7) Outros dados relativos à localização (8) Caracterização do muro (8.1) Planta (8.2) Aparelho (8.3) Grau de Inclinação (8.4) Diâmetro longitudinal/diâmetro transversal - área (*o diâmetro longitudinal é tomado na direcção perpendicular às curvas de nível; o diâmetro transversal corresponde ao diâmetro máximo tomado segundo as curvas de nível; trata-se de medidas interiores*) (8.5) Altura. Lados superior/direito /inferior/esquerdo (*são medidas exteriores da altura do muro, tomadas em quatro posições ortogonais segundo o sentido horário*) (8.6) Tipo de cobertura/beirado (9) Porta. (9.1) Orientação (9.2) Altura/largura/espessura (*são medidas interiores; a espessura da porta corresponde à espessura do muro*) (9.3) Porta condenada. (9.4) Orientação (9.5) Altura/largura/espessura (*são medidas interiores; a espessura da porta corresponde à espessura do muro*) (10) Outros aspectos construtivos (11) Comentários e bibliografia.

#### 1, MURO DO ROMÃO, Vila Velha de Ródão

(1) Ribeirão/Rio Tejo (2.1) 304 (1971) (2.2) Não (3) 160-170m (4) 39° 40' 56" N / 07° 33' 17" W (5) Sudeste, 130° Norte (6) Encosta inferior (7) Sobre o Ribeirão (8.1) Sub-circular, embora apresentando esquinas em ângulo muito aberto, na parte inferior do muro (8.2) Aparelho de xisto, com argamassa, definido por placas com disposição em espinha. As lajes ocupam todo o volume do muro e estão alinhadas pela face exterior. Na face interior as lajes apresentam-se avançadas umas em relação às outras. Observam-se três a quatro fiadas de lajes oblíquas, alternadas, separadas por fiadas de lajes horizontais. Num sector o muro ruiu e foi restaurado segundo a técnica de "carril" ou seja com lajes colocadas em posição vertical (8.3) Média (8.4) 23m/21,7m – 392m<sup>2</sup> (8.5) 190cm/205cm/210cm (incluindo o afloramento; correspondem ao muro Apenas 100cm)/240cm (8.6) Vestígios de beirado (9.1) Oeste (9.2) 130cm/110cm(interior)-90cm(exterior)/70cm, o lintel ou a cobertura da porta foram arrancados. (9.3) Não tem (10) O muro, na zona envolvente da porta, apresenta aparelho horizontal. Pode dar-se o caso de a porta ter sido aberta ou aumentada, em fase posterior à construção do muro. Não foi documentada nenhuma porta condenada. (11) Este muro é referido na microtoponímia (v. HENRIQUES & CANINAS 1986).



Aspecto da estrutura em espinha do Muro do Romão.

## 2, PARROCHA, Castelo Branco

(1) Afluente do Rio Ponsul/Rio Ponsul (2.1) 281 (1973) (2.2) Não (3) 310m (4) 39° 51' 30" N / 07° 21' 13" W (5) Sudoeste (6) Encosta superior (8.1) Sub-circular (8.2) Xisto com argamassa (8.3) Média (8.4) 35,5m de perímetro – 100 m<sup>2</sup> (8.5) 180cm/180cm/200cm/210cm (8.6) Arredondado com lajes dispostas em leque (9.1) Noroeste (9.2) 150cm/100cm/80cm (9.3) Não tem (10) A estrutura integra grandes blocos, principalmente nos níveis inferiores, e pedra miúda. A porta tem ombreiras e lintel de granito. Apresenta socalcos. (11) Em utilização com colmeias.

## 3, CABEÇO REDONDO, Castelo Branco

(1) Afluente da barroca da Parrocha/Rio Ponsul (2.1) 281 (1973) (2.2) Não (4) 39° 51' 14" N / 07° 21' 18" W (5) Sul (6) Encosta inferior (8.1) Em forma de U fechado, com o lado arqueado na parte superior (8.2) Pedra seca de xisto (8.3) Média (8.4) 19,3m/12,6m – 191m<sup>2</sup> (8.5) 230cm/??/230cm (8.6) Lajes horizontais justapostas acompanhando o muro (9.1) Oeste (9.2) 145cm/75cm/80cm (9.3) Não tem (10) A espessura do muro, na parte superior, varia entre 110cm na base e 70cm no topo. Há indícios de reconstruções. Tem três socalcos. (11) Em abandono com colmeias e cortiços. Na parte superior passa um estradão de delimitação de eucaliptal.

## 4, MURO ALTO, Castelo Branco

(1) Ribeiro dos Limos/Rio Ponsul (2.1) 293 (1973) (2.2) Sim (3) 210m (4) 39° 50' 15" N / 07° 21' 25" W (5) Sul (6) Encosta inferior (7) Sobre o ribeiro dos Limos (8.1) Elíptica (8.2) Xisto com argamassa (8.3) Elevada (8.4) 28m/23m – 506 m<sup>2</sup> (8.5) 240cm/340cm/230cm/250cm (8.6) Lajes horizontais (9) Não se detectou (9.3) Não se detectou (10) Muito destruído em alguns troços. A parede exterior não é perfeitamente curva; comporta ângulos muito abertos. Nas cotas inferiores, no lado interior, apresenta grande enchimento. A espessura do muro, em determinado ponto, é de 80cm. Tem socalcos estruturados em muros. No lado poente, junto à parede e aproveitando o afloramento, há vestígios de uma construção (casa de arrumos?) (11) Está abandonado e possui oliveiras no seu interior.

## 5, PONTE DA MUNHECA, Castelo Branco

(1) Afluente do Rio Ponsul/Rio Ponsul (2.1) 281 (1973) (2.2) Sim (3) 170-180m (4) 39° 51' 29" N / 07° 20' 13" W (5) Sul (6) Encosta inferior (7) Construído sobre um afloramento que define um precipício sobre a linha de água. (8.1) Sub-circular (8.2) Pedra seca de xisto (8.3) Elevado (8.4) 26,2m/27m – 555 m<sup>2</sup> (8.5) 250cm/300cm/250cm/330cm (8.6) Lajes horizontais e em escama na parte superior (9.1) Norte (9.2) 135cm/95cm/85cm (9.3) Sim (9.4) Oeste (9.5) 110cm/90cm/80cm (10) O muro está degradado na parte inferior. A estrutura integra grandes blocos de xisto-grauvaque, principalmente nos níveis mais próximos do solo. Apresenta cavidades a meia altura do muro. Observam-se pedras avançadas na parede interior. A porta tem ombreiras e lintel de xisto. O apiário possui dois socalcos, estruturados em muro de pedra, que o atravessam transversalmente. Para além destes, em fase posterior, foram construídos socalcos de suporte de oliveiras. (11) Está abandonado. Apresenta oliveiras no seu interior e colmeias abandonadas.



Aspecto da porta do muro da Ponte da Munheca.

## 6, RASTEIRA, Castelo Branco

(1) Afluente do Rio Ponsul/Rio Ponsul (2.1) 281 (1973) (2.2) Sim (3) 250m (4) 39° 52' 03" N / 07° 19' 48" W (5) Sudeste (150°N) (6) Encosta superior (8.1) Sub-circular (8.2) Pedra seca de xisto (8.3) Média (8.4) 16,3m/14,1m – 180m<sup>2</sup> (8.5) 300cm/290cm/300cm/260cm (8.6) Lajes horizontais (9.1) Norte (9.2) 140cm/??/95cm (9.3) Não tem (10) O aparelho construtivo integra pequenos e grandes blocos. Observam-se indícios de possíveis reconstruções. Na face interior, em cota superior, o muro exhibe lajes avançadas, muito espaçadas entre si. Apresenta buracos na parede. Observa-se um socalco escavado no solo/rocha. A porta conserva apenas uma ombreira de xisto-grauvaque (11) Está abandonado e apresenta oliveiras no seu interior. Situa-se nas proximidades de uma casa. Ao lado, na encosta, existe um caminho estruturado em muro.

## 7, MOINHOS DO CONDE, Castelo Branco

(1) Rio Ponsul (2.1) 281 (1973) (2.2) Sim (3) 210-230m (4) 39° 52' 09" N / 07° 19' 32" W (5) Sudeste (150°N) (6) Encosta inferior (8.1) Sub-circular (8.2) Pedra seca de xisto (8.3) Elevada (8.4) ??/22m - ? (8.5)

?/300cm/?/250cm (8.6) Não se conserva (9) Não se detectou (9.3) Não se detectou (10) Muito destruído, principalmente no eixo longitudinal. A espessura do muro, em determinado ponto de amostragem, varia entre 130cm na base e 60cm no topo. Há indícios de reconstruções. Em alguns pontos do muro observam-se trechos de aparelho em espinha definido por pequenas lajes. O muro terá sido destruído para a construção de muros de suporte de oliveiras, principalmente na parte inferior. Na parede do muro observam-se lajes avançadas no interior. Tem socalcos no interior. (11) Está abandonado, contém oliveiras no interior e alguns cortiços velhos.

## 8, COITO DO LEITÃO, Castelo Branco

(1) Ribeira de Alpreade/Rio Ponsul (2.1) 281 (1973) (2.2) Sim (3) 260m (4) 39° 52' 34'' N / 07° 20' 13'' W (5) Este (6) Encosta inferior (8.1) Sub-circular (8.2) Pedra seca de xisto (8.3) Elevado (8.4) 21m/18,3m – 302 m<sup>2</sup> (8.5) 120cm/270cm/200cm/200cm (8.6) Beirado dos lados Norte e Este (9.1) Sul (9.2) 110cm/105cm/95cm (9.3) Não tem (10) No interior, existem dois socalcos estruturados em muro de pedra. O muro foi alteado acima do remate, no lado inferior. (11) Está abandonado e contém oliveiras.

## 9, MURO DO VAZ PRETO, Castelo Branco

(1) Ribeiro da Nogueira afluente da Ribeira de Alpreade/Rio Ponsul (2.1) 281 (1973) (2.2) Sim (3) 240-250m (4) 39° 56' 14'' N / 07° 19' 38'' W (5) 150° N (6) Encosta inferior (8.1) Quadrangular (8.2) Aparelho em granito com elemento ligante (8.3) Média (8.4) Medidas dos lados: 3320cm(Norte)/3260cm(Sul)/2330cm(Este e Oeste) – 767m<sup>2</sup> (8.5) 230cm/230cm/de 200cm a 220cm/240cm (8.6) Grandes blocos de granito formando barbas, para o exterior, em todo o perímetro. A medida do rebordo varia entre 30cm e 35cm (9.1) NO (9.2) 180cm/70cm/60cm (9.3) Não tem (10) Os blocos de maior tamanho estão próximos da base do apiário. A porta de acesso do muro coincide com a porta de entrada para a casa de apoio, que é de planta rectangular (dimensões: 290cm x 550 cm). O acesso ao muro faz-se através da casa de apoio por outra porta. A casa de apoio possui telhado, em mau estado de conservação. O muro contém cinco socalcos divididos por quatro muros. A meio do comprimento de cada um deles existem escadas, em pedra, para facilitar o acesso a cada um deles. Alguns socalcos aproveitam afloramentos. As escadas têm cerca de 60cm de largura. Os socalcos estão muito bem definidos. Comprimento dos socalcos, de Norte para Sul: 500cm, 470cm, 440cm, 430cm, 470cm. A altura dos socalcos varia entre 100cm e 120cm. (11) No interior ainda existem cortiços de formato paralelepípedo. Tendo em conta os cortiços presentes, este muro poderia ter uma capacidade máxima de 300 cortiços.



Vista de conjunto do Muro do Vaz Preto.

## 10, FRAGA DOS GALHARDOS I, Idanha-a-Nova

(1) Ribeira do Taveiró/Rio Ponsul (2.1) 269 (2.2) Não.

## 11, FRAGA DOS GALHARDOS II, Idanha-a-Nova

(1) Ribeira do Taveiró/Rio Ponsul (2.1) 269 (2.2) Não (3) 320m (4) 40° 01' 03" N / 07° 21' 12" W (5) 180° N (6) Encosta inferior (7) Sobre uma pequena torrente afluente da Ribeira do Taveiró (8.1) Sub-circular (8.2) Aparelho em granito sem elemento ligante (8.3) Média (8.4) 22m/17,5m – 302m<sup>2</sup> (8.5) 180cm (altura original, sem derrube) 145cm/190cm/180cm (8.6) Placas de granito em plano inclinado sem barbas para o interior ou exterior (9.1) 45° N (9.2) ?/?/60cm (9.3) Não tem (10) O muro apresenta remate nos lados Norte e Oeste. A porta está severamente destruída. Em algumas partes do seu perímetro o muro assentou sobre afloramentos sobrelevados.

## 12, FRAGA DOS GALHARDOS III, Idanha-a-Nova

(1) Ribeira do Taveiró/Rio Ponsul (2.1) 269 (2.2) Não (3) 320m (4) 40° 01' 06" N / 07° 21' 15" W (5) 170° N (6) Encosta inferior (7) Sobre uma pequena torrente e assente em afloramento granítico (8.1) Sub-retangular (8.2) Aparelho em granito sem elemento ligante (8.3) Média (8.4) Medidas dos lados: 1100cm (norte)/730cm (Este)/1300cm(Sul)/570cm(Oeste) – 78 m<sup>2</sup> (8.5) 40cm/110cm/130cm/100cm (8.6) Não foi possível determinar (9.1) 170° N (9.2) ?/55cm/65cm (9.3) Não tem (10) O muro está muito destruído. O derrube existente em redor parece indicar que o muro era mais alto. A parede que limita o lado Sul tem uma dupla curva, uma mais pronunciada que a outra. As esquinas são arredondadas (11) Ocorrem pequenos fragmentos cerâmicos no interior.

## 13, COITO DOS CATURROS, Idanha-a-Nova

(1) Afluente do Aravil/Ribeira do Aravil (2.1) 294 (1972) (2.2) Sim (3) 190-200m (4) 39° 48' 33" N / 07° 10' 27" W (5) Sul (6) Encosta inferior (7) Situa-se na confluência de duas linhas de água. (8.1) Sub-circular (8.2) Xisto com argamassa (8.3) Baixo (8.4) ?/17m - ? (8.5) 270cm/280cm/200cm/270cm (8.6) Beirado para o interior e exterior (destaca-se cerca de 40cm em relação à parede) (9.1) Oeste (9.2) 135cm/90cm/70cm (9.3) Não tem (10) A porta tem duplo lintel de xisto. A estrutura do muro integra lajes grandes, médias e de pequeníssimas dimensões. O muro apresenta cavidades a meia altura. Não tem socalcos (11) Está abandonado e não contém árvores no interior.

## 14, VALE DO GAMO, Idanha-a-Nova

(1) Afluente do Aravil/Ribeira do Aravil (2.1) 294 (1972) (2.2) Sim (3) 190-200m (4) 39° 48' 40" N / 07° 10' 17" W (5) Sul (6) Encosta inferior (7) Situa-se na confluência de duas linhas de água (8.1) Elíptico (8.2) Xisto com argamassa (8.3) Baixo (8.4) 24,7m/18,5m – 358 m<sup>2</sup> (8.5) 300cm/290cm/280cm/380cm (8.6) Vestígios de beirado para o exterior (9.1) Nordeste (9.2) 135cm/70cm/70cm (9.3) Sim (9.4) Sudoeste (9.5) 180cm/75cm/50cm (10) O muro apresenta cavidades a meia altura. Está arruinado no lado inferior. Teve alteamentos ou restauros, sendo visíveis no lado nascente. As portas têm lintel de xisto. Não apresenta socalcos. (11) Está abandonado e não apresenta oliveiras no interior.



Vista de conjunto do muro do Vale do Gamo.



Muro do Vale do Gamo. Aspecto do assentamento da estrutura sobre afloramentos. No topo do muro pode observar-se o beirado.



Muro do Vale do Gamo. Uma porta condenada, assinalada pela escala, e aspecto de um dos diversos orifícios existentes no muro.

## 15, MONTE DAS PIÇARRAS, Idanha-a-Nova

(1) Afluente do Rio Ponsul/Rio Ponsul (2.1) 282 (3) 300 m (4) PE 567188 (5) 180° N (8.1) Sub-circular (8.2) Aparelho em xisto e quartzo leitoso, sem elemento ligante (8.4) 20,5m/28 m – 451m<sup>2</sup> (8.5) 190cm/??/? (9.1) Oeste (9.3) Não tem (10) O muro estreita da base para o topo, tendo uma espessura média de 70 cm. Os blocos são de maior tamanho na base e de menores dimensões no topo (11) No interior do recinto existem afloramentos na metade norte e acumulação de terras na parte sul. O interior está ocupado por oliveiras.

## 16, MARMELEIRO, Idanha-a-Nova

(1) Ribeiro do Marmeleiro/Rio Erges (2.1) 306A (1971) (2.2) Sim (3) 220m (4) 39° 43' 42" N / 07° 00' 11" W (5) Sudoeste (230°N) (6) Encosta inferior (7) Sobre uma linha de água (8.1) Elíptico (8.2) Xisto com argamassa (8.3) Baixo (8.4) 12,4m/22,4m – 218 m<sup>2</sup> (8.5) 220cm/??/??. As restantes medidas são irrelevantes face à destruição do muro. (8.6) Não foi possível identificar o tipo de beirado (9) Não foi reconhecida (9.3) Não foi reconhecida (10) O muro está muito destruído. Na direcção do eixo longitudinal o muro foi arrasado devido à passagem de um cortafogo associado aos eucaliptais vizinhos. Não é possível determinar a posição da porta. Não se observam socalcos estruturados no seu interior. (11) Está abandonado.

## 17, MURO ALTO, Idanha-a-Nova

(1) Ribeiro do Muro Alto/Rio Erges (2.1) 306A (1971) (2.2) Não (3) 240m (4) 39° 45' 00" N / 07° 00' 11" W (5) Sudeste (140°N) (6) Encosta inferior (7) Construído sobre afloramento sobranceiro à linha de água. A montante existe o muro da Febre Amarela. (8.1) Sub-circular (8.2) Xisto com argamassa (8.3) Médio (8.4) 27,2m/26,5m – 566 m<sup>2</sup> (8.5) 290cm/310cm/370cm/310cm (8.6) Beirado para o interior e exterior; conserva-se em extensão (9.1) Noroeste (9.2) 130cm/80cm/85cm (9.3) Não tem (10) Revela construção cuidada e aparelho muito regular com lajes de xisto estreitas embora de diferentes dimensões. O muro apresenta um cotovelo no lado leste. Tem cavidades a meia altura. A porta possui lintel de xisto. Não se observam socalcos estruturados. Na parte superior, envolvendo a porta, existem vestígios de um possível pombal ou casa de arrumos (11) Está abandonado e apresenta oliveiras no interior. Situa-se junto de um antigo caminho de que se conserva um pontão em pedra com quatro “arcos” e passadeira. Esse caminho passava junto de dois monumentos megalíticos (antas 2 e 3 do Zambujo). As duas antas e o muro estão publicados em HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO 1993.



Vista de conjunto do Muro Alto (Idanha-a-Nova), a montante do qual existe um pontão de pedra.



Muro Alto (Idanha-a-Nova). Aspecto da estrutura do muro, construído em encosta muito inclinada. É visível um trecho do beirado existente no topo do muro.

## 18, FEBRA AMARELA, Idanha-a-Nova

(1) Ribeiro do Muro Alto/Rio Erges (2.1) 306 (1971) (2.2) Não (3) 310m (4) 39° 44' 52'' N / 07° 01' 18'' W (5) Sul (6) Encosta inferior (7) Sobre o ribeiro do Muro Alto; a jusante existe outro muro-apiário, o Muro Alto (8.1) Sub-circular (8.2) Aparelho de xisto (blocos e lajes) com argamassa, incluindo blocos de quartzo leitoso, disponíveis no local. O muro é definido por duas paredes justapostas com argamassa e pedra miúda no interior. A estrutura utiliza quantidade apreciável de fragmentos de mós rotativas (moventes e dormentes), de granito, provenientes do povoado romano ou alto-medieval que se situava na área envolvente e que estaria arruinado à data da construção do muro (8.3) Média/Baixa (8.4) 18m/22m – 311 m<sup>2</sup> (8.5) 110cm(exterior)-220cm(int.erior)/130cm(exterior)-150cm(interior)/190cm(exterior)/170cm(exterior) (9.1) SO (9.2) ?/?/?cm (9.3)

Não tem (10) A espessura do muro, na zona da porta, varia entre 80cm na base e 70cm no topo. Parece haver indícios de reconstruções. No tem socalcos no interior e apresenta grande acumulação de sedimentos na parte inferior. A porta não se conserva, embora nos tenha sido indicada a sua localização. Encostado à face nascente do muro foi construído um edifício de planta rectangular (tem as seguintes dimensões interiores: 170cmx350 cm). (11) Este muro, segundo informação do sr. João Barata, de Rosmaninhal, foi utilizado como horta há mais de 60 anos. Desta forma protegiam-se as culturas em relação ao gado. Na encosta ocorrem materiais cerâmicos de cronologia romana/alto medieval. Para nascente do muro a estação arqueológica foi danificada devido à plantação de um eucaliptal. A poente do muro e à mesma cota existe uma casa de planta circular e cobertura em falsa cúpula, muito arruinada. Estas construções são denominadas *puñios*, nesta zona, e correspondem aos *chafurdões* do Sul de Portugal. Na outra margem do ribeiro existe um sepultura escavada na rocha e a cotas superiores ocorre cerâmica comum e de construção de cronologia romana. Estes locais estão assinalados em HENRIQUES, CANINAS & CHAMBINO 1993. Este local é associado na “mitologia” local a zona de confinamento de pessoas contaminadas pela febre amarela. No entanto há quem também designe o sítio não por Febre Amarela mas por Fevra Amarela.

## 19, MURO CAIADO, Idanha-a-Nova

(1) Ribeira da Enxacana/Rio Erges (2.1) 294 (1972) (2.2) Não (3) 220m (4) 39° 47' 36'' N / 07° 02' 32'' W (5) SSE, 155° Norte (6) Encosta inferior (7) Situa-se em frente da confluência do ribeiro da Urtiga com a ribeira da Enxacana (8.1) Em forma de U fechado, com o lado arqueado nas cotas superiores (8.2) Aparelho de xisto (blocos e placas) com argamassa (cal hidráulica). Apresenta vestígios de reboco na parte mais elevada, na face externa do muro (8.3) Média (8.4) 11,8m/16,8m – 156 m<sup>2</sup> (8.5) 200cm/190cm/200cm/210cm (8.6) Observam-se vestígios de beirado, voltado para o exterior, na parte inferior do muro (9.1) SO (9.2) 160cm/75-85cm/? (9.3) Não tem (10) A espessura do muro, na parte superior, varia entre 65cm (base) e 55cm (topo). Há indícios de reconstruções. No interior, observa-se um socalco aberto no afloramento. A porta não conserva lintel. (11) Este muro já estaria abandonado há cerca de 60 anos segundo informação do sr. João Barata, de Rosmaninhal. Entre a parede recta que delimita a parte inferior do muro e a margem da ribeira, observam-se abundantes traços lineares (de arado?) incisos nos afloramentos xisto-grauváquicos. Estes elementos permitem documentar a forma como o solo era exaustivamente cultivado, provavelmente antes da construção do muro, bem como os efeitos erosivos que incidiram no local, pondo o afloramento à vista.



Vista do Muro Caiado.

## 20, MURO DO TI FURRIEL, Idanha-a-Nova

(1) Afluente do Ribeiro da Enchacana/Rio Erges (2.1) 294 (1972) (2.2) Não (3) 280 m (4) PE 665033 (11) Este muro-apiário situa-se a cerca de 375m das casas do Couto do Bandeira. Foi observado ao longe devido à presença de gado bravo à solta.

## 21, DEHESA DE LA PUENTE, Piedras Albas

(1) Rio Erges (2.1) 295(1971) (2.2) Sim (3) 210-220m (4)  $39^{\circ} 48' 33''$  N /  $06^{\circ} 59' 03''$  W (5)  $210^{\circ}$  N (6) Encosta superior (8.1) Sub-circular (8.2) Aparelho em xisto sem elemento ligante (8.3) Média (8.4) 17,8m/18,3m – 255m<sup>2</sup> (8.5) 130cm/170cm/120cm/165cm (8.6) Sem barba (9.1) Sem porta. É possível que estivesse voltada a Sudeste, em troço de muro actualmente abatido (9.3) Não tem (10) A espessura do muro é de 70 cm. A altura do muro é relativamente superior se as medidas forem obtidas na parte interna. Primitivamente deve ter sido mais alto a avaliar pela quantidade de xisto existente na área envolvente da estrutura. Não se observam socalcos mas lajes de xisto onde assentavam os cortiços. Admite-se que pudesse comportar pelo menos quatro filas de cortiços, ou silhas. (11) A Este e a Oeste do muro existem malhadas de porcos. Cada uma daquelas estruturas tem habitáculos para quatro animais. No interior do muro foi observado um fragmento de movente de mó manual, em granito.

## 22, SILHA, Idanha-a-Nova

(1) Afluente do Rio Erges/Rio Erges (2.1) 295 (2.2) Sim (3) 210m (4)  $39^{\circ} 48' 37''$  N /  $06^{\circ} 59' 25''$  W (5)  $130^{\circ}$  N (6) Encosta inferior (7) O muro está implantado na zona onde se inicia o encaixe da torrente (8.1) Sub-circular (8.2) Aparelho em xisto sem elemento ligante (8.3) Baixo (8.4) 22,4m/17 m – 299 m<sup>2</sup> (8.5) 100cm/140cm/150cm/100cm (8.6) Mantém-se unicamente nos lados Sul e Sudoeste sendo constituído por placas de xisto dispostas obliquamente. Este remate tem uma barba de 10cm (9.1) Noroeste (9.2) ?/100cm/60cm (9.3) Não tem (10) O interior contém vários socalcos que aproveitam as irregularidade do solo provocadas pelos afloramentos rochosos. Os muros, de xisto, que constituem os nove socalcos têm uma altura média de 30 cm e 50 cm de profundidade (largura). Nenhum deles vai de um extremo ao outro do muro. Em redor não se observa quantidade significativa de pedra derrubada o que permite pressupor que não seria muito mais alto (11) A Norte e a Nordeste, junto da parede interna do muro, existe uma fila de colmeias, algumas das quais em activas, embora aparentando abandono.



Vista do muro do Ribeiro do Vale do Lobo. Observam-se diversos socalcos, estruturados por muros de pedra, destinados ao assentamento dos cortiços.

## 23, RIBEIRA DO VALE DE LOBO, Idanha-a-Nova

(1) Ribeiro do Vale de Lobo/Rio Erges (2.1) 295 (2.2) Não (3) 170-180m (4)  $39^{\circ} 49' 08''$  N /  $06^{\circ} 58' 57''$  W (5)  $180^{\circ}$  N (6) Encosta inferior (8.1) Elíptica (8.2) Aparelho de xisto sem elemento ligante (8.3) Elevada (8.4) 12,6m/15,4 m – 152 m<sup>2</sup> (8.5) 155cm/200cm/210-230cm/200cm (8.6) Sem vestígios de barbas; o topo é irregular (9.1) Norte (9.2) 165cm/65cm/60cm (9.3) Não tem (10) O interior contém 10 socalcos, revestidos com placas de xisto, que se destinavam ao assentamento dos cortiços. A altura de cada um deles varia entre 25cm e 90 cm,

resultando de uma adaptação às irregularidades do solo e afloramentos. Nem todos os socalcos vão de um extremo ao outro do muro (11) Há restos de cortiços no interior o que permite pressupor um abandono recente. No interior existe uma amendoeira adulta e grandes moitas de alecrim.

## 24, LOS LEONES, Piedras Albas

(1) Rio Tejo (4) 39° 47' 03" N / 06° 56' 29" W (5) 150° N (6) Peneplanície (7) Localizado no meio de um azinhal denso, a Sul da estrada Segura – Piedras Albas e a cerca de 500m a Oeste da última povoação. Situa-se na área de confluência de duas suaves linhas de água (8.1) Sub-circular (8.2) Aparelho em xisto sem (?) elemento ligante (8.3) Baixa (8.4) Tem 53,6m de perímetro - 229m<sup>2</sup> (8.5) 160cm/190cm/230cm/170cm (8.6) Barba descontínua (9.1) Sul (9.2) 190cm/80cm/40cm (9.3) Não tem (10) No interior do muro, e anexo à parede norte, existe um pequeno telheiro que protege colmeias amontoadas. A altura da porta foi aumentada. Possui porta metálica, fechada com corrente e cadeado (11) O muro apresenta excelente estado de conservação no lado exterior. Exceptuando o telheiro e o material que abriga a área restante do muro está vazia.



Muro de Alcântara I. Um alinhamento de suportes (caixas) para cortiços.



Vista do muro de Alcântara I. Destaca-se a casa das alfaias melíferas.

## 25, ALCÂNTARA I, Alcântara

(1) Rio Tejo (2.1) 295 (?) (4) 39° 44' 31" N / 06° 53' 59" W (5) 210° N (6) Meia encosta (7) Situa-se cerca de 400m a norte da estrada que liga Segura a Alcântara (8.1) Elíptica (8.2) Aparelho em xisto e granito sem elemento ligante (8.3) Baixo (8.4) 32m/27 m – 678m<sup>2</sup> (8.5) 160cm/205cm/190cm/180cm (8.6) Alguns troços do muro possuem barba e sobre as placas que a formam existem outras placas dispostas obliquamente, de forma irregular. Estas últimas ajudam a manter as primeiras através da pressão que exercem sobre aquelas. Tem barbas voltadas para o interior e para o exterior. As barbas interiores medem cerca de 10cm a 15 cm e as exteriores variam entre 12cm a 28cm (9.1) Nordeste (9.2) 200cm/aberta/80cm (9.3) Não tem (10) A porta parece não ser a original. Admitimos que tenha sido muito alargada. É constituída por placas de xisto e quatro grandes blocos, paralelepípedicos, de granito, dois de cada lado. Em cada um dos lados possui uma placa de xisto com um buraco onde funcionava o gonzo da porta. Junto da entrada, do lado nascente, existe um furdão, uma estrutura de planta circular, em falsa cúpula, com um pequeno nicho no interior. Esta construção tem duas aberturas para o exterior. Uma para o interior do furdão e outra para o exterior do muro. Exteriormente, tem uma barba em xisto a partir da qual se inicia a “cúpula”, que se mantém coberta de terra. Do lado poente da entrada existe um compartimento de planta rectangular, que funciona como casa de apoio. A parede sul desta construção aproveita o próprio muro, embora seja mais alto. A porta da casa está voltada a Este. Há vestígios de ter existido outra porta voltada a Norte, actualmente fechada com pano de parede. No interior do recinto, na parte oriental, existe um monólito de grauaque azul com um furo central, de função desconhecida. Poderia ter pertencido a uma primitiva porta e sendo ali colocado numa fase posterior. Exceptuando a área da porta, com dois a três metros para cada um dos lados, e a parte Sul do recinto, devido à sombra, em todo o perímetro interior, anexo ao muro, existem 22 “caixas” de pedra, de planta rectangular. Cada caixa é constituída por quatro placas de grauaque, dispostas em forma de “cista”, e serviam para o encaixe dos cortiços. Estas “caixas”, suportes para os cortiços, também se distribuem em três alinhamentos

paralelas no espaço vital do muro. As medidas das “caixas” variam entre os 47cm x 37cm e 65cm x 55cm. A distância entre as “caixas” varia entre 100cm e 290cm. A primeira fila de cortiços estava distanciada da central 655cm e esta distancia-se da terceira fila 580cm. Na primeira fila, a mais próxima da porta, existem três “caixas” para cortiços, na segunda fila existem oito caixas e na terceira outras oito caixas. Identificaram-se 41 bases para cortiços. Ao longo do muro, na face exterior, existem placas de xisto desniveladas, mais sobressaídas. Não parece terem servido como escada. (11) Está abandonado.

## 26, ALCÂNTARA II, Alcântara

(1) Rio Tejo (4) 39° 44' 02'' N / 06° 53' 42'' W (5) 170° N (6) Encosta inferior (7) Situa-se na confluência de duas linhas de água (8.1) Sub-circular (8.2) Aparelho em xisto sem elemento ligante (8.3) Média (8.5) 175cm/175cm/170cm/200cm (8.6) Alguns troços de muro ainda apresentam barba. Sobre as placas que formam a barba forma colocadas outras placas de xisto, talvez com o objectivo de as fixar melhor. O tamanho da barba varia entre 30cm e 40 cm (9.1) Nordeste (9.2) 165cm/85cm/70 cm (9.3) Não tem (10) No interior, junto da porta, existe um telheiro, aberto a sul, com cortiços fora de uso. Na face sul (exterior) do muro observa-se um “arco” de placas de xisto, envolvido por lajes dispostas horizontalmente. Estes “arcos” são comuns em construções situadas na zona antiga de Alcântara. O muro sofreu reconstruções e em alguns troços apresenta acentuados abaulamentos que prenunciam queda iminente (11) O interior do muro tem 11 cortiços e uma colmeia em actividade, algumas oliveiras e, nas cotas mais altas, azinheiras. Tem porta de madeira fechada a cadeado. Uma parte do espaço interior é utilizada para produção de favas. Na confluência das duas linhas de água existe uma ponte construída em xisto.



Vista do muro de Alcântara II junto do qual existe um pontão de pedra.



Pormenor da estrutura do Muro do Romão (Vila Velha de Ródão)

### Edição Especial



*Associação de Estudos do Alto Tejo*  
Núcleo Regional de Investigação Arqueológica

### Apoios

